



Mulheres rurais do assentamento Tabocas/Unai – MG: o que as camponesas entendem por trabalho

Rural women from the Tabocas/Unai – MG settlement: what peasant women understand by work

RODRIGUES, Marina Gabriela Pereira¹; BARBÉ, Luciane da Costa²; SILVA Verônica Peres da³; SOUSA, Natália Carolina⁴; JUNIOR, Maurício Cezar Rezende Leite⁵

¹UFVJM, marina.gabriela@ufvjm.edu.br; ²UFVJM, luciane.barbe@ufvjm.edu.br; ³UFVJM, veronica.silva@ufvjm.edu.br; ⁴AARJ, naticdesousa@gmail.com; ⁵UFVJM, mauricio.leite@ufvjm.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Entender a contribuição das mulheres rurais para a economia familiar e para a reprodução de sua propriedade rural ou agroecossistema e conseqüentemente para desenvolvimento rural foi a motivação deste estudo, assim, este trabalho debruçou-se em compreender como mulheres rurais residentes na comunidade rural Tabocas, Unai- MG, enxergam-se nas relações de trabalho e renda de seus núcleos familiares. Para tanto utilizou-se entrevista por meio de um questionário contendo 19 perguntas. Considera-se, portanto, que apesar dos resultados apontarem para uma divisão justa do trabalho produtivo no assentamento Tabocas, ainda prossegue situações em que as mulheres são engolidas pelo machismo estrutural sem reconhecerem a importância da divisão do trabalho reprodutivo para essa desconstrução, que ocorrerá então somente a partir da divisão de tarefas simples e de direitos equitativos que circundam seus cotidianos.

Palavras-chave: mulher camponesa; visibilidade econômica; relações de trabalho.

Introdução

Apesar de nos últimos anos as mulheres rurais terem sido mais bem reconhecidas pelo importante papel como trabalhadoras, a agricultura de base familiar ainda está fortemente atrelada pela divisão sexual do trabalho, em função de suas raízes históricas, que diferencia o trabalho entre homens e mulheres (PAULILO, 1987; PAULILO e SILVA, 2007). Essa tal diferenciação coloca aos homens o reconhecimento público do trabalho produtivo, e, as mulheres, permanecem a invisibilidade do trabalho, que se circunscreve aos domínios privados (HERRERA, 2013).

De acordo com Herrera (2013) as camponesas além das atividades domésticas do cotidiano, realizam atividades produtivas, como o plantio e a colheita da produção para o autoconsumo da família, a ordenha de vacas, a produção de queijo e pão e práticas orientadas para a pequena escala de comercialização de produtos agrícolas.



Essas mulheres promovem um importante papel também na agroindustrialização da produção gerada pela família. Desde beneficiamento simples realizado em seus lares, como um preparo de um doce de leite ou goiabada, até no emprego de tecnologias mais modernas com maquinário no preparo de polpa de frutas, essas mulheres incorporam práticas ancestrais na produção de alimentos.

Embora aconteça uma infinidade de trabalho, a ausência de empoderamento de muitas mulheres trabalhadoras rurais é traduzida para pouca visibilidade no trabalho agropecuário, e ainda na fragilidade de se ter autonomia para manter atividades de gestão em qualquer outra área em virtude do machismo estrutural que circunda o rural. Economicamente, o que se produz de trabalho remunerado e não remunerado, na maioria das vezes, não é contabilizado como trabalho.

Para Cardoso e colaboradoras (2019) a economia feminista parte da noção que economia deve incorporar todas as atividades necessárias para a sustentabilidade da vida humana, e desta forma, o olhar contra-hegemônico sobre a economia, deve permitir dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres na sociedade. Nestes termos, a atuação e valorização da atuação das mulheres do segmento familiar nas atividades agropecuárias, de gestão/administração e de beneficiamento da produção é de profunda necessidade, pois muitas delas podem ser consideradas como promotoras da soberania alimentar porque trabalham na terra, nos cultivos para autoconsumo, no beneficiamento ou comercialização da produção.

Estudar os diferentes processos de promoção de autonomia de mulheres rurais para sua emancipação a partir da valorização e resgate de administração e gestão dos recursos produtivos são de extrema importância para visibilidade do enorme papel que mulheres ocupam nos espaços rurais.

A região noroeste do estado de Minas Gerais é um importante polo do crescimento agrícola, com Unidades de Produção Agrícola de grande, médio e pequeno porte, com destaque para a agricultura familiar em assentamentos de reforma Agrária. E, diante desta característica, é possível conhecer mulheres rurais do município que realizam ativamente trabalhos de produção e reprodução no contexto de assentamentos rurais, porém pouco compreendem a importância do que fazem e realizam de “trabalho”.

Entender a contribuição das mulheres rurais para a economia familiar e para a reprodução de sua propriedade rural ou agroecossistema e conseqüentemente para desenvolvimento rural foi a motivação deste estudo, assim, este trabalho debruçou-se em compreender como mulheres rurais residentes na comunidade rural Tabocas, em Unai- MG, enxergam-se nas relações de trabalho e renda de seus núcleos familiares.



Metodologia

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa que compreende duas etapas (1^a- entrevista estruturada e observação participante e 2^a acompanhamento do controle da produção por meio da Caderneta Agroecológica conforme CARDOSO, E. *et al.*, 2019). Aqui apresentaremos a primeira etapa da pesquisa que possui característica de pesquisa de campo, do tipo qualitativa e exploratória. Segundo Oliveira (2011), esse tipo de pesquisa busca descobrir situações e que sejam pensadas, na tentativa de obter maior familiaridade com o assunto pesquisado.

A investigação ocorreu no assentamento rural Tabocas, localizado no município de Unaí, Minas Gerais. No Assentamento residem 72 famílias, no entanto, a coleta de dados abrangeu 19 mulheres rurais, por aceitabilidade. Como ferramenta de coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado contendo 19 perguntas, abertas e fechadas e observação participante com visitas às propriedades rurais. As entrevistas foram realizadas no mês de novembro de 2022 em três dias por abordagem pessoal às participantes. Já a observação participante ocorre cotidianamente, tendo em vista que uma das pesquisadoras reside no assentamento. Ao longo da primeira etapa foram obtidos dados sobre; cor/raça, escolaridade; identificação de atividades produtivas e reprodutivas; as atividades produtivas sobre a responsabilidade das mulheres camponesas dentro do núcleo familiar; as horas trabalhadas pelas mulheres com serviços domésticos; as horas trabalhadas pelas mulheres com serviços não domésticos; a principal atividade produtiva exercida pelo núcleo familiar; e a dinâmica de divisão do trabalho doméstico e de produção.

Para análise de dados, as respostas foram organizadas e tabuladas para a interpretação dos resultados em Tabela de Dados Agrupados em Classes no programa Excel.

Resultados e Discussão

Aqui nesta seção apresentaremos os resultados da primeira etapa do estudo. Para melhor compreensão dos resultados optou-se por dividir as informações em dois eixos principais, a saber: 1. Caracterização do assentamento e Perfil Socioeconômico das participantes e 2. Trabalho, Renda e Gênero. Os resultados apresentados emboçam questões que se entrelaçam-na discussão, apesar da divisão para apresentação dos eixos propostos.

1. Caracterização do assentamento e Perfil socioeconômico das participantes. O assentamento rural Tabocas, onde foi desenvolvida pesquisa, possui aproximadamente 72 famílias, destas, a amostra da pesquisa absorveu 19 mulheres que aceitaram participar. Tabocas possui como principal atividade produtiva a produção de leite que é vendida às cooperativas da região. É um assentamento de produção agropecuária convencional, porém com famílias que possuem afinidade aos processos de transição agroecológica bem nítido. Possui boa organização



social, sobretudo a respeito da união entre as mulheres residentes na localidade, quando se reúnem com frequências para os compromissos da igreja e para festejos no galpão da associação de agricultoras/es. Informações como a cor/raça, idade, nível de escolaridade e estado civil das participantes também foram levantadas, e os dados relevam que das entrevistadas, 63% declaram-se pardas, enquanto 21% pretas e 16% brancas. Do total das participantes do estudo, 37% estão na faixa etária de 35 a 51 anos, 32% entre 18 e 34 anos, 21% possuem idade maior que 67 anos, e somente 10% entre 52 e 67 anos de idade. Diferentemente de Camarano (2003), no seu estudo sobre os indicadores das condições de vida no meio rural, que apresentou o predomínio das mulheres idosas, principalmente na faixa etária acima dos 80, aqui podemos realizar algumas reflexões sobre a idade mulheres rurais no assentamento Tabocas, onde mais da metade ocupa faixa 18 a 51 anos, e isso nos revela um grupo relativamente jovem e com força de trabalho ativa. Sobre a escolaridade das participantes, o resultado identificou que não há nenhuma analfabeta, 42% possuem ensino fundamental completo, 32% ensino médio completo, 16% o superior incompleto, 5% têm superior incompleto e 5% ensino médio incompleto. Segundo a Organização Feminista Espaço Feminista (2018), as mulheres rurais apresentam mais anos de estudo em relação aos homens, e a partir do ensino médio, as mulheres são maioria, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. O assentamento tabocas apesar de não possuir uma escola na localidade, fica há uns 18 km do centro urbano, o que de certa forma facilita acesso às escolas da cidade, pois também conta com transporte rural.

Sobre o estado civil, mais da metade das participantes (58%) declararam-se casadas, com relacionamentos heteroafetivos, 16% em união estável com também relacionamentos heteroafetivos; outras 16% assumiram-se solteiras e 10% viúvas. Sendo estas mulheres companheiras de parceiros do sexo masculino, essa condição se coloca como a ideal para analisarmos se há ocorrências de divisão de trabalho pela condição de gênero, abrindo espaço para diagnosticarmos se há divisão do trabalho por este motivo. Nestes termos, quando perguntamos sobre se as atividades produtivas do lote eram divididas por gênero, 63% das participantes disseram que o trabalho no lote/roça não era dividido em função do gênero. Importante chamar atenção desse quantitativo, pois não reflete igualdade nas relações de gênero, uma vez que existem mulheres na condição de solteiras e viúvas também participando da pesquisa.

2. Trabalho, Renda e Gênero. Os dados referentes a trabalho, renda e gênero oportunizaram conhecer melhor a dinâmica de entendimento das mulheres sobre o que de fato entendem como trabalho; perguntamos sobre as principais atividades produtivas exercidas por elas, o total de horas empregadas nestas atividades, quais atividades reprodutivas exerciam e o tempo gastos com estas, além da titularidade do registro da terra.

O trabalho produtivo realizado por elas enquadra-se em atividades como retirar leite (28%), criação de porcos (28%), criação de galinhas/frangos (35%), e cuidados com



a horta (14%) e (7%) não se aplica. Todas essas atividades declaradas são realizadas exclusivamente pelas mulheres, e das mesmas são geradas rendas que não são contabilizadas separadamente da renda total da família, pois sobre essa remuneração do trabalho, 53% disseram ficar somente com uma parte, 26% disseram tomar toda renda e 21% manifestaram que não ficam com nada sucedido do seu trabalho.

Essas atividades gastam no mínimo de 4 a 8 horas de trabalho, além das horas declaradas com os serviços domésticos que giraram em torno de mais de 5 horas. Das atividades reprodutivas, a limpeza da casa, cozinha, lavagem de roupas, cuidado com filhos, capina do terreiro, passar roupas foram as citadas. Dentre as 19 participantes, somente três possui ocupação integral fora da propriedade rural, ligadas ao comércio. Sobre a titularidade da propriedade, somente três mulheres possuem o registro da propriedade em seus nomes, 15 declararam que o registro está somente no nome do parceiro, e uma em nome do casal.

É importante ressaltar que apesar das participantes terem declarado que as atividades produtivas do lote são divididas por gênero (63%) como já descrito, a observação participante realizada pela pesquisa percebeu pouca participação dos homens com compartilhamento igualitário das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos. Isso significa que os homens, companheiros das participantes, ainda não dividem igualmente com as mulheres as responsabilidades pelas atividades do lar, como limpeza, cozinha, lavanderia e cuidado dos filhos. Esta situação permite afirmar que o viés de gênero implícito também percorre o imaginário das mulheres rurais, que entendem que o trabalho reprodutivo cabe a elas, e ou distribuição equitativa de direitos como a titularidade da terra não seja questionada.

Conclusões

Visibilizar e fortalecer o trabalho com as mulheres rurais, na perspectiva de gênero tem sido o propósito desta pesquisa que se desdobrará em processos (duas etapas). Conhecer, ainda que minimamente, essas informações se traduz em um start para dar visibilidade ao trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres rurais. As mulheres aqui acompanhadas pouco enxergam os abusos nas relações de trabalho e renda de seus núcleos familiares. Considera-se, portanto, que apesar dos resultados apontarem para uma divisão justa do trabalho produtivo no assentamento Tabocas, ainda prossegue situações em que as mulheres são engolidas pelo machismo estrutural sem reconhecerem a importância da divisão do trabalho reprodutivo para essa desconstrução, que ocorrerá então somente a partir da divisão de tarefas simples e de direitos equitativos que circundam seus cotidianos. Sem empoderamento das mulheres ao debate do feminismo, não há construção dos processos para transição agroecológica.



Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e as Mulheres do PA Tabocas.

Referências bibliográficas

CARDOSO, E. et al. Guia metodológico da caderneta agroecológica. Recife: FIDA, 2019.

HERRERA, K. M. Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 10, 2013.

OLIVEIRA, M. F. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: 72p.UFG, 2011.

ORGANIZAÇÃO FEMINISTA ESPAÇO FEMINISTA. Situação da mulher rural no Brasil. 2018. Disponível em:

<https://www.espacofeminista.org/wp-content/uploads/2018/12/Informe-Mulher-Rural-Brasil.pdf>. Acesso em: 02/05 /2023.

PAULILO, M. O peso do trabalho leve. Ciência Hoje. Rio de Janeiro. 1987. 5 (28), p. 64-70.

PAULILO, M.; SILVA, C. A luta das mulheres agricultoras: entrevista com Dona Adélia Schmitz. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, 2007. 15(2). p. 240.